

A Grande Inspiração

(Contribuição do Prof. Edgar Zanoni à Semana Euclidiana)

Quando, eu não sei; mas um dia, a áscua da inspiração ardeu em chamas surpreendentemente vivas no cérebro de Euclides da Cunha.

E esse nome deslumbrante foi o de construir um sertão!... não um sertão obra realmente idêntica àqueles nascidos da fertilidade exuberante do solo, ou mesmo semelhante àqueles natos de terras pobres, castigadas pelas vicissitudes de um clima.

Não era propriamente isso.

Longe estava Euclides da Cunha de tentar, das profundezas da terra, um sertão de carnaúbeiras espantas, ou de jurumas se deramando em tapumes inextricavelmente urdidos.

Longe é de criar um sertão de mariseiros e ouricoris, com a folhagem ora raivecendo contra as lufadas impetuosas das tormendas, ora verdadeiros ieques, em movimentos calmos, brandos, nas mãos da fresca brisa.

Longe também de um sertão de caralbas e barauanas, lançando sombras amigas por sobre o relvado dos vales.

Também não um sertão, espesso da mais variada folhagem, imenso de território, e por cujos taboleiros as emas velozes, por cujas picadas os esquilos ligeiros por cujas lapas as lebres assustadas e a respiração ofêga das corças fugitivas.

O seu sertão seria um livro... fotografia perfeita e completa do sertão da Natureza! Não uma cópia morta, mas cheia de vida, através da flexibilidade e elegância da frase, harmonia de expressão e dinamismo da argúcia e da cultura.

Essa a idéia; e ela estava lançada. Agora o trabalho de transformá-la em realidade. Seria um esforço notável, pois, para dar-lhe a evidência das coisas concretas,urgia conhecimentos de geólogo e paciência de observador; imprescindível o arrôjo e a prudência das mais complexas indagações, a par da imparcialidade de historiador e conhecimento de cartógrafo.

E por último, fundindo tudo isso num todo único, a cultura do idioma e a sublimidade do estilo!

Quanto se acovardariam diante do empreendimento...

Mas Euclides da Cunha não tremeu nem vacilou. A iniciativa era gigantesca, mas a verdade é que ela fóra concebida por um gigante!

O sertão da Natureza tem por pai o líquido das nuvens e por mãe a terra.

O sertão de Euclides da Cunha teria também progenitores: mãe, a imaginação fertilíssima; pai, o ubérrimo talento.

Mas a Natureza possui um mundo de recursos para formar o seu sertão. Euclides da Cunha só a palavra; e com ela fez o milagre...

As palavras repontaram no solo da imaginação do escritor, e graças à sua erudição, floresceram; floresceram em descrições maravilhosas de quadros e paisagens; se adensaram em bosques de explicação sobre os caracteres geológicos, topográficos e de outros agentes físicos, que atuam na

formação dos sertões; se espessaram em florestas panorâmicas, onde a exatidão das perspectivas, onde a fidelidade dos pormenores, a audácia das previsões...

E não foi só: Fez ainda ressoar, no âmago das florestas, a sonoridade argentina dos regatos ou o ruído cavernoso das catadupas; encheu as picadas com o estrépito de animais em fuga; fez ecoar nas macegas o rugir de feras e aos capões e lugares próprios às emboscadas, fê-los estremecerem com gritos de medo e gemidos de morte; e, num último esforço, fez romper, dentre as caatingas, fusilarias cerradas e mortíferas, com que os jagunços recebiam os invasores de suas terras...

E assim surgiu "Os Sertões", um dos livros mais festejados da literatura universal. E não podia ser de modo diferente, porque Euclides da Cunha deu à obra tudo o que podia dar: o carinho, a erudição, a acuidade do seu espírito, a ardência do seu temperamento.

Em "Os Sertões", os ouricoris ramalham aos sopros de sua irrequietude; os cipóis se torcem, se enrolam, se confundem, como sob os efeitos dos seus impulsos nervosos; a essência das umburanas lembram o perfu-

me da sua vivacidade; lê-se na rigidez dos troncos a fibra do seu caráter severo, nos olhos das sussuaranas, em busca de repasto, há o brilho de sua argúcia; até nas flores dos umbuseiros e nos animais de pequeno porte existe um pouco de le: nestes, os estrelecimentos da desconfiança; naqueles, o colorido de sua alma sonhadora...

Hoje, Euclides da Cunha está morto. Mas quando nos introduzimos em "Os Sertões", levando a lâmpada da leitura, não é a natureza que encontramos... é Euclides da Cunha!

Sim, porque no volumoso livro tudo fala nele e por ele, desde as "quixabeiras de folhas pequeninas", até os "mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias"; desde "as sarcóias que cantam vibrantes nos balse-dos" até as disparadas, pelas tigueiras, dos queixadas de canela ruiva; desde a entrada dos expedicionários governistas em Monte-Santo, até o grito fanático de "Canudos" em guerra!...

Finalizando, eis um conceito sintético sobre um livro e um escritor:

"Os Sertões" — um monumento!

Euclides da Cunha — um génio!"